

Uma nova postura cultural

A visão do artista plástico como indivíduo extraordinário, marginalizado da realidade, vivendo apenas com preocupações estéticas e nutrindo-se unicamente de seu talento, foi desde sempre um grande equívoco. Muito pelo contrário — fala o desenhista Fábio Magalhães — o artista esteve sempre impregnado da realidade circundante, sensível com as transformações que ocorrem na vida social, captando o significado das relações e do sentimento humano de seu tempo.

“Quanto mais uma obra artística se aproxima da vida, dos problemas de seu tempo, naquilo que ele é, ou ainda através de sua fantasia, desenvolve um profeto de vida, configurando-se uma “vontade de ser”, tanto mais significativo a obra de arte se torna para o conjunto da sociedade.

Desta forma o artista não atua apenas na dinâmica interna do processo artístico, mas participa do conjunto de problemas da sociedade dentro da qual ele vive, e não apenas como produtor de imagens mas também como cidadão”.

“O processo de redemocratização do País, é hoje um dos temas fundamentais da vida nacional — prossegue Fábio Magalhães — Nesse processo inúmeros artistas vem se manifestando, sendo levados muitas vezes — diz — à produção de obras com objetivos políticos particularizados, como no caso da campanha pela anistia, onde através de um concurso nacional se procurou um símbolo para unificar e fortalecer a campanha. O artista também tem atuado como cidadão, através de manifestos, dando entrevistas, realizando depoimentos, abaixo-assinados, etc., enfim, tornando pública a sua posição.

“Na campanha política que se desenvolve, onde os setores mais significativos da sociedade intensificam sua participação, podemos observar que o artista tem apoiado sobretudo aqueles candidatos que mais se comprometeram em lutar pelas liberdades democráticas. Esse apoio, na maioria das vezes, tem sido a doação de uma obra de arte. Entretanto na atual campanha para o Senado, o apoio se deu de forma mais complexa e significativa. Artistas e críticos se reuniram e formaram uma comissão para organizar uma exposição de características culturais e políticas. Pensou-se em não solicitar uma obra do artista; pois, como profissional ele vive da sua venda, e por outro lado a obra não deveria ser avaliada,



Desenho de Gregório na galeria Fernando Millan

nem sofrer as distorções do mercado de arte”.

A comissão constituída por Ana Maria Beluzzo, Radha Abramo, Fábio Magalhães, Fernando Lemos, Marcelo Nitsche, Ricardo Amadeo e Ricardo Ontake, resolveu solicitar dos artistas não uma obra, “mas uma imagem — esclarece — que deveria ser executada sobre um papel vegetal como matriz para reprodução, padronizando o tamanho; a técnica e os materiais, mas dando inteira liberdade para o artista criar, sem a necessidade de inserir sua obra na especificidade da campanha. Neste caso, ainda que as imagens não configurem os objetivos políticos particularizados, passam a inserir-se neles uma vez que se agruparão constituindo uma exposição com objetivos declarados. Esse fato enriquece as imagens, dando a elas novos significados.

“As imagens foram reproduzidas em serigrafia, numa tiragem de 50 exemplares cada obra, com duas provas de editor e oito provas de artista. Todo esse trabalho foi custeado pela comissão, tendo o artista doado o seu trabalho criativo.

“A exposição que se realizará no dia 26 na Galeria Fernando Millan, (Av. Europa, 641), não constituiu apenas um apoio político mas constituiu sobretudo uma nova postura cultural, que na pluralidade de sua expressão plástica traz a coincidência da busca de liberdade, que Fer-

nando Henrique Cardoso conseguiu agrupar.

Nesta exposição participam: Aldemir Martins, Alfredo Volpi, Anésia P. Chaves, Antônio Maluf, Boi, Fajardo, Caciporé, Carlos Clemen, Carlos Lemos, Carmela Gross, Cláudio Tozzi, Clóvis Graciano, Evandro Carlos Jardim, Fábio Magalhães, Fernando Lemos, Fernando Odiozola, Flávio Shiró, Gilberto Salvador, Giselda Leiner, Gregório Correa, Gunter Parchalk, Hermelindo Fiamingui, João Rossi, José Moraes, José Roberto Aguiar, Lotar Charoux, Lúcio Yutaka Kume, Luís Paulo Baravelli, Luís Sacilloto, Lígia Pape, Marcelo Nitsche, Mário Gruber, Maurício Fridman, Nicolas Vlavianos, Paulo de Tarso, Reboló Gonsales, Renma Katz, Ricardo Amadeo, Samuel Szipigel, Sophia Tassinari, Tomie Ontake, Tomoshigue Kusuni, Ubirajara Ribeiro e Virginia Artigas, além da participação crítica de Ana Maria Beluzzo, Aracy Amaral, Mário Pedrosa, Mário Schenberg e Radha Abramo.

“É importante — conclui Fábio Magalhães — quando os próprios artistas e críticos são os organizadores de suas exposições, e reivindicam para si a condução do processo cultural, como também é significativo quando a obra de um Volpi é vendida, nesta exposição, com o mesmo preço da obra de um jovem artista como Lucio Kume”.